

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA DOCENTE PARA FORMAÇÃO DE NOVOS LEITORES

STORY TELLING: A TEACHING PRACTICE FOR TRAINING NEW READERS

SANTOS, Elis Roberta Gomes da Rocha¹, AZEVEDO, Myllena Albuquerque de Souza²,
BERNARDES, Nilma Pereira de Almeida³, SAMPAIO, THAÍS Nathane da Silva⁴,
MOREIRA, Carolina Machado⁵

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral analisar como a contação de histórias pode contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com relação aos objetivos específicos, tem-se: descrever como a contação de histórias é importante na prática educativa; explicar como ela desperta o lado lúdico na criança; analisar a contação de histórias como estratégia pedagógica e verificar como a contação de histórias ocorre nas escolas. Levando em consideração o contexto atual, no qual as crianças de 06 a 10 anos têm a tecnologia disponível, observa-se uma indiferença com o hábito da leitura. Sendo assim, a problemática é: Como a contação de histórias pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para responder tal questionamento, a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em autores como: Abramovich (1995), Andrade (2010), Bernardino (2011), Busatto (2003), Cadernatori (1986), Carvalho (1989), Coelho (1999), Fonseca (2012), Frantz (2001), Gil (2002), Luckesi (2002), Ludke (1986), Marconi & Lakatos (2011), Rodrigues (2013), Sisto (2005), Silva e Menezes (2000), Souza (2011), Tahan (1961) Zilberman (1991). A pesquisa descritiva, o método qualitativo e a observação também auxiliam no desenvolvimento da pesquisa e na realização da entrevista. Ao final deste artigo, observa-se que os professores entendem a importância da contação de histórias para a formação dos alunos, fazendo o uso delas em sala de aula.

Palavras-chave: Contação de histórias. Formação de leitores. Ensino-aprendizagem. Ensino Fundamental. Lúdico.

ABSTRACT

This article has the general objective of analyzing how storytelling can significantly contribute to the teaching-learning process in the early years of Elementary School. With regard to the specific objectives, there are: to describe how storytelling is important in educational practice; explain how it awakens the playful side in the child; analyze storytelling as a pedagogical strategy and verify how storytelling occurs in schools. Taking into account the current context, in which children from 06 to 10 years old have the technology available, there is an indifference with the habit of reading. Therefore, the problem is: How can storytelling contribute to the teaching/learning process in the early years of Elementary School? To answer this question, the bibliographic research is based on authors such as: Abramovich (1995), Andrade (2010), Bernardino (2011), Busatto (2003), Cadernatori (1986), Carvalho (1989), Coelho (1999), Fonseca (2012), Frantz (2001), Gil (2002), Luckesi (2002), Ludke (1986), Marconi & Lakatos (2011), Rodrigues (2013), Sisto (2005), Silva e Menezes (2000), Souza (2011), Tahan (1961) Zilberman (1991). Descriptive research, the qualitative method and observation also help in the development of the research and in conducting the interview. At the end of this article, it is observed that teachers understand the importance of storytelling for student training, making use of them in the classroom.

Keywords: Storytelling. Reader training. Teaching-learning. Elementary School. Ludic.

¹ Elis Roberta Gomes da Rocha Santos. Curso de Pedagogia. E-mail: lilyfestaskids@gmail.com.

² Myllena Albuquerque de Souza Azevedo. Curso de Pedagogia. E-mail: myllenalbuquerque27@gmail.com.

³ Nilma Pereira de Almeida Bernardes. Curso de Pedagogia. E-mail: nilmabernardes@yahoo.com.br.

⁴ Thaís Nathane da Silva Sampaio. Curso de Pedagogia. E-mail: educandathais@gmail.com.

⁵ Carolina Machado Moreira. Professora orientadora. Mestre em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2012-2013). Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade do Noroeste de Minas (2010-2011). Graduada em Pedagogia pela Faculdade ISCECAP (2018). Graduada em Letras - Português-Inglês e respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (2007). Tem experiência na Educação Básica e Superior. E-mail: carolina.moreira@facunicamps.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a contação de histórias para a formação de novos leitores e tem como objetivo geral pesquisar e analisar como a contação de histórias pode contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos são: descrever como a contação de histórias é importante na prática educativa; explicar como ela desperta o lado lúdico na criança; analisar a contação de histórias como estratégia pedagógica e verificar como a contação de histórias ocorre nas escolas.

Como justificativa, é de conhecimento geral que a escola possui uma função social, sendo assim, é fundamental que a criança tenha acesso à literatura logo nos seus primeiros anos escolares. Esse contato, inicialmente, ocorre por meio da contação de histórias, pois mesmo não sabendo ler, a criança pode usufruir da imaginação, do pensamento e do criar. Com essa pesquisa, pretende-se mostrar como essa prática pedagógica contribui para que a criança se desenvolva integralmente e adquira o hábito da leitura nas próximas etapas da escolarização.

Contar histórias é mais que ler um livro, é usar o imaginário da criança para a descoberta e compreensão de mundo, é preciso conscientizar pais e professores a respeito da importância da leitura para o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e social da criança. O educador deve perceber o valor dessa prática na sala de aula para usá-la de forma eficiente no desenvolvimento das habilidades do aluno.

Partindo de uma observação sobre o contexto atual com relação ao desenvolvimento de habilidades para a aprendizagem das crianças de 06 a 10 anos, observa-se uma indiferença com o hábito da leitura. Sendo assim, o presente artigo põe em questão: Como a contação de histórias pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Para responder esta questão, visando alcançar os objetivos propostos, foi necessário pesquisas bibliográficas com autores como: Abramovich (1995), Andrade (2010), Bernardino (2011), Busatto (2003), Cadermartori (1986), Carvalho (1989), Coelho (1999), Fonseca (2012), Frantz (2001), Gil (2002), Luckesi (2002), Ludke (1986), Marconi & Lakatos (2011), Rodrigues (2013), Sisto (2005), Silva e Menezes (2000), Souza (2011), Tahan (1961) Zilberman (1991), dentre outros documentos que regem e auxiliam sendo a Base Nacional Comum Curricular (2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Além das pesquisas bibliográficas, foi realizada a pesquisa descritiva feita através da análise dos formulários de entrevistas elaborados pelas graduandas. O método utilizado foi o qualitativo e como técnica a observação.

O presente texto está organizado da seguinte forma: Em primeiro lugar, a fundamentação teórica dividida em três tópicos (o conceito e contexto histórico a respeito da contação de histórias, a contação de histórias no Ensino Fundamental, e Práticas de contação de histórias). Em seguida, está a metodologia explicando a forma como este artigo foi escrito. Logo após, os resultados e discussões são expostos de modo a contextualizar a pesquisa de campo, as respostas dos entrevistados. Por fim, tem as considerações finais, referências, apêndice e anexos.

No decorrer deste artigo, observa-se como a contação de histórias é importante para a formação pessoal e acadêmica do sujeito, pois ela contribui tanto para o processo de alfabetização quanto favorece a formação de um sujeito crítico e pensante.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito e Contexto Histórico

Contar histórias antecede a escrita. Em épocas remotas, a memória era a única forma de preservar informações, transmitir experiências e ensinamentos fundamentais para a evolução humana. Segundo Busatto (2006, p. 20) “o conto de literatura oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história”.

Tahan (1961, p. 24) complementa ao considerar as histórias como “veículo de verdades eternas” que existem desde a Antiguidade, pois elas eram contadas não apenas como um passatempo, mas também para ensinar uma lição às gerações futuras. A hora do conto era um ritual. Todos se sentavam ao redor do fogo, paravam para ouvir as histórias dos mais velhos, para olhar costumes e crenças.

Segundo Busatto (2006), a contação de histórias pode ser considerada como um hábito muito primitivo, que surgiu da necessidade humana de dar sentido à sua existência, de explicar suas origens, práticas de sobrevivência desde a alimentação até a segurança. As histórias surgiram com o propósito de dar continuidade à tradição e cultura de um povo.

Conforme Tahan (1961, p. 24), “até os nossos dias todos os povos civilizados ou não, tem usado a história como veículo de verdades eternas como meio de conservação de suas

tradições, ou da difusão de ideias novas”. Portanto, o sujeito não necessita ser letrado para contar uma história, uma vez que elas abrangem um todo sem exigências.

Por meio das histórias, torna-se possível descobrir outros mundos, lugares e tempos. Abramovich (1995) alega que, são ouvindo-as que podem-se experimentar diversos sentimentos como: alegria, raiva, medo, bem-estar entre outros, provocados pelo imaginário da história que está sendo contada. O limite para contar histórias é a própria imaginação, a qual não tem limites.

Para contar histórias, é preciso saber a diferença técnica entre ler e contar. Requer entonação e preparação específica, não podendo se resumir em decifrar sinais gráficos. Como descrito por Abramovich (1995), contar histórias não é algo que se possa fazer de qualquer jeito, considerando que são nas histórias que se descobrem novas palavras.

Com esse intuito, é preciso conhecer a história e estar familiarizado com o que vai ser passado para os educandos, é saber criar um clima envolvente, usar a entonação da voz, expressões faciais, fazer intervalos e até mesmo efeitos sonoros para proporcionar a vivência de algo que só se passa na história de forma que seja uma experiência prazerosa, marcante e que instigue uma vontade de querer mais.

Sobre a prática de contar histórias, Busatto (2003, p. 9) destaca:

O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluída que é a palavra. O contador de história empresta o seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que ele narra, e o texto deixa de ser signo para se tornar significado. O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue para o tempo nos apresentando um outro tempo. (BUSATTO, 2003, p. 9).

Assim, contar histórias é tão significativo para o ouvinte quanto para o contador, pois permite uma experiência interna e externa do ser. Da mesma forma que é especial para quem ainda não aprendeu a ler e para quem já aprendeu, pois para quem já sabe ler, a experiência não só incentiva a imaginação do sujeito, como também aprende novas palavras.

Para Busatto (2003, p. 10) “contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”. Assim, a contação de histórias tornou-se uma importante estratégia nas aulas, pois é utilizada para educar, orientar, desenvolver o raciocínio, a imaginação e principalmente para divertir.

Contar histórias é essencial para a formação de qualquer indivíduo. Abramovich(1995, p.16) frisa que “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um

caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]”. Assim, a literatura infantil se torna uma ferramenta indispensável para a prática educativa.

Segundo com Carvalho (1989, p. 75), “a literatura infantil iniciou-se no século XVII com Perrault e Comenius, que buscaram colocar em suas obras conteúdos destinados a crianças, separando livros de adultos e crianças”. Antes dessa época, os livros que elas tinham acesso eram para adultos.

Para Cademartori (1986, p. 38-39), “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Após esse período, elas passaram a ser vistas como um sujeito que possui necessidades e especificidades diferentes dos adultos.

Segundo Cademartori (1986), o momento em que Perrault uniu seus contos foi sofrido por grandes mudanças e questões sociais. O autor coletou algumas narrativas populares e as adaptou para o público infantil, incluindo alguns valores visando o gosto da classe para qual era direcionada, a burguesia.

Sobre os primeiros livros infantis, Zilberman (1991, p. 15) constata que:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobada como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os contos da mamãe gansa, cujo título original era histórias ou narrativas do tempo passado com moralidade, que Charles Perrault publicou em 1697. (ZILBERMAN, 1991, p. 15)

“O Tesouro dos Meninos”, obra de Pierre Louis Blanchard (1758-1829) foi um dos primeiros livros infantis presentes no Brasil. Em seguida, veio a “Leitura para Meninos”, de José Saturnino da Costa Pereira (1771- 1852). Essas obras tinham propósito educativo, além de apresentar histórias fictícias a serem contadas às crianças visando entretê-las (RODRIGUES *et al.*, 2013).

Segundo Rodrigues *et al.* (2013) a literatura infantil chega no Brasil através de adaptações de textos europeus realizadas por Alberto Figueiredo Pimentel, o qual fazia traduções dos contos de Perrault, Irmãos Grimm, em obras como Contos da Carochinha, entre outras.

De acordo com Cademartori (1986), Monteiro Lobato foi quem produziu o primeiro registro de literatura infantil brasileira, em 1920, com “A menina do narizinho arrebitado.” Suas obras renovaram o gênero infantil, retratando aventuras com características típicas, envolvendo

costumes do campo e lendas do folclore brasileiro, trazendo um novo período de autores de livros infantis.

Nesta nova fase da literatura brasileira, observa-se que os livros passam a ter um caráter educativo, visando auxiliar no processo do ensino através da ludicidade. Essa, entendida não apenas como jogo, brincadeira ou movimento espontâneo, e sim, “[...] como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude [...]” (LUCKESI, 2002, p. 31).

2.2 Contação de Histórias no Ensino Fundamental

Contar histórias no Ensino Fundamental é uma maneira de introduzir os alunos na literatura, despertar o interesse pela leitura e mostra que ler é muito mais do que decodificar palavras.

Quanto à importância das histórias em um cotidiano escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (BRASIL, 2000, p. 64-65), estabelecem:

Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo de outras leituras; possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; expandir o conhecimento a respeito da própria leitura; aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares - condição para a leitura fluente e para a produção de textos; possibilitar produções orais, escritas e outras linguagens; informar como escrever e sugerir sobre o que escrever; possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita; favorecer a aquisição de velocidade na leitura; favorecer a estabilização de formas ortográficas (BRASIL, 2000, p. 64-65).

Nesse sentido, as histórias são um importante recurso pedagógico, pois contribuem para o desenvolvimento do educando. Existem múltiplos métodos de contar histórias que devem ser explorados, uma vez que as histórias contadas para os alunos permitem que eles possam interpretar, (re)criar, questionar, debater, fazer conexões com o mundo real e contribuir ricamente para a alfabetização.

Esse recurso pedagógico deve convidar os alunos ao mundo da imaginação, pois faz com que os alunos aprendam de forma significativa envolvendo-os no processo de alfabetização. Nesse processo, os alunos tomam gosto pela leitura, mesmo não sendo leitores.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. (FONSECA; VANALLI, 2012, p. 1157).

Portanto, a contação de histórias deve oportunizar a ludicidade e ajudar a criança a desenvolver-se em outros aspectos como atenção, criatividade, socialização, interpretação de

imagens e textos, oralidade e, principalmente, cativá-lo com a leitura, de forma dinâmica onde todos aprendem e se divertem. Para isso, o educador precisa compreender que a contar não é apenas um entretenimento, mas uma estratégia eficaz e prazerosa para formar novos leitores, além de ser uma ferramenta importante no exercício de leitura e escrita.

2.3 Práticas pedagógicas para a contação de histórias

A contação de histórias promove o desenvolvimento do aluno, de forma que permita ao professor trabalhar a socialização, a criatividade, a leitura, a escrita, o raciocínio, entre outros.

Carvalho (2004, p. 16) informa que:

A professora que lê para turma “acorda” as histórias que dormem nos livros. Os alunos recontam essas histórias, aprendendo a perceber as diferenças entre língua falada e escrita. Esse trabalho é importantíssimo na formação do leitor (CARVALHO, 2004, p. 16).

Contar histórias permite que os alunos explorem sua imaginação e percebam que ela não tem limites. Por meio da ludicidade, o professor envolve os alunos na prática de sala de aula, tornando o processo de ensino-aprendizagem vivo.

A inclusão de textos literários no plano de aula contribui para ampliação da bagagem cultural e social do aluno, uma vez que é através das histórias, contos, fábulas e poemas que ele tem a oportunidade de conhecer diversos povos. Essa experiência favorece a familiarização do aluno com a linguagem literária.

Ao contar histórias, é necessário ter habilidades e técnicas. Ler envolve mais do que apenas conseguir pronunciar palavras impressas, visto que, ouvir uma história quando contada com articulação clara, leitura exata, pronúncia correta, uso adequado das pausas, ênfase nas ideias centrais, entusiasmo, gestos, expressões faciais e entonação correta faz com que o receptor da mensagem mergulhe na história, imaginando cenários, visualizando personagens e participando de suas emoções. Assim, o leitor transmite corretamente suas ideias e reproduzir as emoções com exatidão, o que exige estudo e preparação.

Quando o ouvinte se identifica com a história, capaz de envolver suas emoções, ele memoriza facilmente aquele assunto agregando-o significado e ajudando a formá-lo como indivíduo. Por isso, é importante o trabalho de princípios e valores por meio das histórias, peças teatrais e afins.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018, p. 96) ressalta a leitura e escuta compartilhada ou autônoma para a formação do leitor literário tendo por pressuposto as habilidades de:

Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, cumulativos, de assombração etc.) e crônicas (BRASIL, 2018, p. 96).

Como documento normativo, a BNCC (2018) estabelece como práticas de Linguagem a participação em situações de leitura e a produção de textos literários, a prática da contação de histórias para os alunos.

Ao incluir no planejamento pedagógico a contação de histórias, é necessário que o professor faça indagações como: quem são seus alunos, o que eles já conhecem desse assunto, o que precisam aprender. É preciso definir seus objetivos e métodos a serem utilizados para melhor alcançá-los.

Quando se fala em práticas de leitura de uma contação de história, conseguir uma boa variedade no volume, no ritmo e no tom da voz torna agradável e viva uma apresentação, pois a falta do domínio desta modulação pode passar a impressão de que o assunto não é importante ou de real interesse do orador.

Aumentar o volume da voz para dar ênfase adequada e abaixar o volume da voz para criar expectativa e curiosidade enriquecem uma apresentação, no entanto, é preciso ter bom senso e equilíbrio no ajuste do tom e ritmo da voz. Se as técnicas de leitura forem utilizadas na forma e na medida correta aperfeiçoará a história contada.

Escutar histórias desperta sentimentos e emoções que muitas vezes são escondidas e camufladas durante a vida. Conseguir exteriorizar esses sentimentos, possibilita reconhecer o que está sentindo e buscar solucionar o que incomoda, fazendo com que o aluno aprenda a se desenvolver de forma positiva consigo mesmo.

3. METODOLOGIA

Este artigo, visando alcançar os objetivos propostos, empregou pesquisas bibliográficas e descritivas. Como método, utilizou o qualitativo. E como técnica, a observação e a entrevista.

A pesquisa bibliográfica se caracteriza quando as informações sobre um determinado assunto são publicadas em livros, artigos, teses, monografias, entre outros meios. Gil (2002, p. 44) destaca que “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Dessa maneira, a pesquisa bibliográfica do referido artigo foi realizada com auxílio de livros e artigos que tratam sobre o tema “A contação de histórias: uma prática docente para formação de novos leitores”, em especial, livros com temáticas pedagógicas, de ensino e didática.

Já a Pesquisa Descritiva consiste em retirar e descrever características específicas e referentes ao objeto em estudo. Segundo com Silva e Menezes (2000, p.21):

a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento. (SILVA & MENEZES, 2000, p.21)

O uso da Pesquisa Descritiva foi realizado através da análise dos formulários elaborados pelas graduandas e disponibilizados aos profissionais da educação através de um link da plataforma *Google Forms*. Em concordância com Marconi e Lakatos (2011, p. 100) “O formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado.”

A Entrevista realizada com os profissionais da educação contou com a participação de 08 docentes, dentre eles 06 são da escola campo e 02 são da Secretaria Municipal de Educação (SME). Para Marconi & Lakatos (1999, p. 94) a entrevista é “Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”. Portanto, através da entrevista realizada através de um formulário que foi possível a coleta de dados importantes para a efetivação deste artigo.

A Observação é uma técnica de investigação do objeto de estudo para obtenção de dados. Ela consiste em examinar, ver e ouvir o objeto de estudo. Conforme Ludke e André (1986, p. 26) a “observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. Assim, a observação é uma técnica necessária para a investigação do

tema em questão, vez que, é preciso estar em diálogo com o campo para conhecer a realidade em está inserida.

A técnica de observação desenvolvida nesta pesquisa foi realizada mediante a verificação do ambiente, da rotina e dos planejamentos acerca da contação de histórias na escola. Foi verificado se havia uma biblioteca, se a mesma era de livre acesso aos educandos e se os professores faziam o uso dos livros.

O Método Qualitativo consiste em explicar a circunstância em que a pesquisa foi executada. Segundo Silva & Menezes (2000, p. 20):

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2000, p. 20)

Portanto, foram analisados os procedimentos pedagógicos utilizados para efetivação da contação de histórias na unidade educacional considerando a realidade educacional que a instituição está inserida.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Contextualização da pesquisa de campo

A instituição de ensino que serviu como fonte de pesquisa e base de dados para este artigo se localiza na região noroeste de Goiânia, oferecendo o Ensino Fundamental Ciclo da Infância no período integral do 1º ao 5º ano. Atualmente, ela atende cento e setenta e cinco (175) alunos matriculados.

A instituição de ensino conta com um corpo docente formado por profissionais de Pedagogia, Letras, Língua Inglesa, Artes e Educação Física. Entre esses profissionais citados acima, foi realizada uma pesquisa *online*, através da plataforma *Google Forms*. Ao todo, 06 profissionais disponibilizaram-se a responder e serviram de base para a formulação e discussão sobre a temática deste artigo.

Mediante uma das visitas à unidade escolar, foi promovido um evento elaborado pela Seção de Desporto da Educação da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, no qual apresentou uma manhã diferente e lúdica para os alunos, repleta de contação de histórias e

atividades esportivas. Em vista disto, o Gerente de Desporto e sua equipe de contação de histórias prontificaram-se a participar de uma entrevista, respondendo a um questionário sobre as práticas educativas que eles promovem em torno da contação de histórias e disponibilizado na plataforma *Google Forms*.

4.2 Entrevista com profissionais da educação

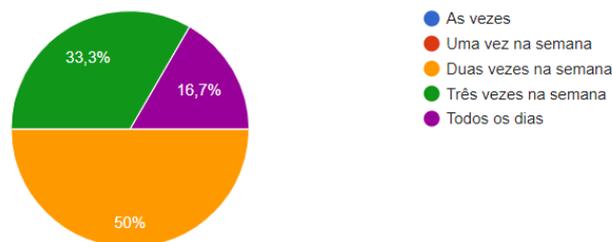
A entrevista foi realizada com 06 professores da instituição escolar que serviu como fonte de pesquisa para esse artigo. Eles responderam a um questionário composto por 07 perguntas, dentre elas objetivas e dissertativas, sobre a temática em discussão.

A primeira pergunta realizada questionava com que frequência os professores contavam histórias para sua turma. Conforme as respostas obtidas, pelo menos 01 vez por semana eles fazem o uso dessa estratégia pedagógica.

Pergunta 1: Frequência de histórias em sala.

A contação de histórias fornece diversos benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, dessa forma com que frequência você professor (a) conta histórias para os seus alunos?

6 respostas



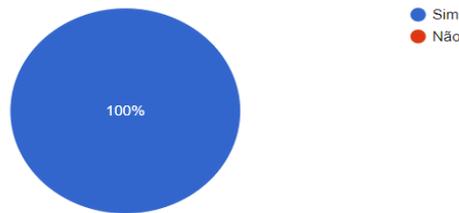
Fonte: Elaborado pelas autoras via *Google Forms* 2023.

A segunda pergunta aborda sobre a relevância que contar histórias tem sobre o desenvolvimento do educando. Como podemos observar logo abaixo, todos os professores que responderam concordam que a contação de histórias é uma metodologia essencial para a formação dos alunos.

Pergunta 2: Ferramenta para o desenvolvimento do aluno

De acordo com Coelho (1999, p. 26), “a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento”. Você como professor(a) do Ensino Fundamental concorda que a contação de histórias é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do educando?

6 respostas



Fonte: Elaborado pelas autoras via *Google Forms* 2023.

Com base nas respostas coletadas, percebe-se que os profissionais da educação compreendem a importância que contar histórias exerce na aprendizagem dos educandos.

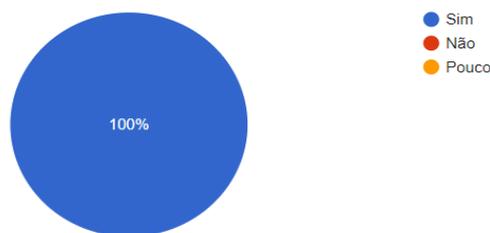
A contação de histórias é uma estratégia que pode favorecer de maneira significativa a prática docente [...]. A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa [...]. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 236).

A terceira pergunta questiona se a escola reforça o uso das histórias em suas atividades, visto que elas são uma ferramenta importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Conforme apresentado a seguir, a unidade escolar onde foram realizadas as entrevistas trabalha com a contação de histórias como estratégia de desenvolvimento pedagógico.

Pergunta 3: A promoção de histórias na instituição

A instituição escolar em que você trabalha ressalta o uso da contação de histórias como uma prática docente importante para o desenvolvimento dos alunos?

6 respostas



Fonte: Elaborado pelas autoras via *Google Forms* 2023.

A quarta pergunta proposta para os profissionais da educação questiona como eles vêm a contação de histórias no desenvolvimento infantil. Eles mesmos responderam da seguinte maneira:

P1: “Quando uso as histórias com meus alunos percebo uma diferença na participação e envolvimento. Até mesmo para os alunos do 5º ano em meio a tanto conteúdo é importante proporcionar esses momentos que instigam e apuram os sentidos.”

P2: “É muito importante contar histórias para as crianças pois possibilita trabalhar diversas temáticas em sala.”

P3: “Estou a muitos anos na área da educação e com certeza quando passei a usar histórias com a minha turma notei uma diferença enorme na facilidade de trabalhar alguns conteúdos, as histórias fornecem inúmeras possibilidades de ensinar e também abre o caminho para que os alunos aprendam com mais facilidade e às vezes brincando.”

P4: “Podemos concordar que a contação de histórias é uma forma de se relacionar com os alunos, pois podemos compartilhar histórias e momentos e as crianças adoram fazer isso, elas sentem que o que elas falam importam e realmente importam. Contar histórias dá voz aos personagens que muitas vezes são referências para os alunos então é uma ferramenta importante na educação infantil, no ensino fundamental e também no ensino médio porque as crianças crescem mas ainda possuem o gosto pelo lúdico de uma forma diferente, muitas vezes em filmes, séries e em livros.”

P5: “A contação de histórias contribui para o desenvolvimento da criança pois trabalha a escuta, a atenção, o vocabulário pois quando tem uma palavra diferente é possível trabalhar o significado dela. Pode também contribuir para oralidade quando é o aluno que conta a história.”

P6: “A contação de história desperta a curiosidade, a imaginação, a autonomia, a emoção e com certeza promove desenvolvimento cognitivo e social.”

Portanto, observar-se que os professores entendem que contar histórias é um método pedagógico que, além de aumentar o vocabulário, a fala e a escrita, promove o progresso dos alunos, estimula a imaginação, desperta a atenção e o gosto pela leitura.

Sousa e Bernardino (2011, p. 238) destacam que:

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades metacognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e metaalfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico. (BERNARDINHO, 2011, p. 238)

A quinta pergunta feita aos docentes questiona sobre como eles tratam as habilidades socioemocionais na escolha das histórias a serem contadas. Eles responderam:

P1: “É preciso conhecer a própria turma antes de escolher uma história, caso seja uma turma desmotivada é preciso trazer histórias que as motivem e façam com que eles saiam do lugar.”

P2: “Eu escolho sempre histórias que eu conheço, estou sempre buscando ler novas histórias e geralmente são histórias que abordam diferentes sentimentos para verificar como os alunos lidam.”

P3: “Eu seleciono as histórias que contém pensando no que elas podem ensinar e não só pensando que elas vão distrair, prezo por histórias que ensinam as vezes a lidar com os sentimentos, histórias que trazem problema e uma solução e trabalho isso com meus alunos.”

P4: “Eu trabalho com histórias de todos os tipos, tristes, felizes, animadas e entre outras. O aluno precisa aprender a lidar com todos esses sentimentos pois o mundo está cheio deles. Claro que na aula o intuito é mostrar que existe tal sentimento mas que ele pode as vezes ser solucionado com uma conversa, com um desabafo, e até mesmo com um choro. No mundo de hoje o emocional é um assunto delicado e por isso precisa ser abordado em sala, e contar histórias é uma forma da criança ouvir sobre um sentimento e perceber como lidar com ele vindo de fora.”

P5: “É preciso conhecer a histórias que pretendo contar, verificar o sentido e finalidade da mesma para que atinja o objetivo proposto. Sempre conta uma história contextualizando e relacionando com o que está sendo ensinado.”

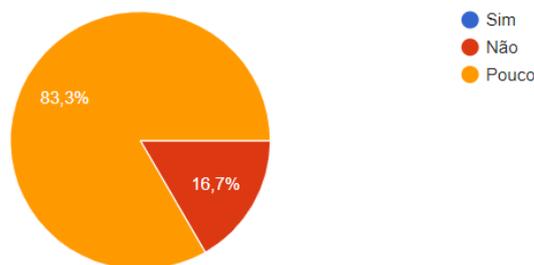
P6: “De acordo com a faixa etária e a realidade das crianças. Buscando o lúdico e a diversão.”

Considerando as histórias como uma estratégia que pode favorecer a aprendizagem do aluno, a sexta questão aborda se a formação acadêmica promove o uso dessa metodologia. De acordo com as respostas abaixo, a graduação por si só não prepara os educadores para praticar a contação de histórias em sala de aula como ferramenta para o desenvolvimento do aluno.

Pergunta 6: A formação dos pedagogos para contar histórias

O professor ao contar determinada histórias, permite que a criança inicie um processo de construção de sua identidade social e cultural. Você acha que a graduação prepara os professores para o uso dessa ferramenta tão genuína?

6 respostas



Fonte: Elaborado pelas autoras via *Google Forms* 2023.

Mesmo que o curso de graduação em Pedagogia não prepare o profissional da educação para a prática de contar histórias, cabe ao educador pesquisar e embasar-se em autores que possuem propriedade para abordar o tema como, por exemplo, Sisto (2005). De modo geral, o autor considera que “o contador de histórias deve dominar alguns elementos como: emoção, texto, adequação, corpo, voz, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade, pausas e silêncio e o elemento estético” (SISTO, 2005, p. 118).

A sétima e última pergunta trata de como a instituição escolar traz as histórias durante o período letivo, quais propostas e projetos a mesma aborda a fim de que essa estratégia faça parte do cotidiano escolar dos alunos. A respeito disso, eles responderam:

P1: “Aqui por ser uma escola de tempo integral temos projetos e muitos momentos de contação de histórias. Seja por meio de teatro, fantoche, dramatização em vários espaços.”

P2: “A contação de histórias, a leitura e a literatura está sempre presente na rotina escolar dos nossos alunos seja em sala de aula, na hora do almoço ou intervalos. Sempre que tem um momento ocioso, até mesmo a própria coordenadora trás um personagem diferente para contar uma história.”

P3: "Desenvolvemos ao longo do ano diversas atividades voltadas para a leitura e literatura e de certa forma a contação de histórias está interligada com essa proposta. Recebemos visitas da SME com atividades de contação de histórias na qual eles se caracterizam como personagens e motivam as crianças.”

P4: “Além das atividades que desenvolvo em sala, tem também as que a escola desenvolve como momentos de recreação diferentes, projetos ao longo do ano, uma biblioteca disponível.”

P5: “Nós contamos histórias quase que diariamente além dos projetos que desenvolvemos durante o ano.”

P6: “Além da relação com as histórias na sala, a escola também promove eventos e projetos que envolvem muitas práticas educativas, dentre elas as histórias.”

Quanto à entrevista com a Equipe de Desporto da Educação, da SME, responsável pelo Projeto de Contação de Histórias nas Escolas de Goiânia, apenas 02 contadores disponibilizaram-se a responder um questionário composto por 02 questões dissertativas.

A primeira pergunta aborda sobre como iniciou a relação do contador com as histórias e o porquê de ele visar desenvolvê-la nas escolas. Cada entrevistado respondeu da seguinte maneira:

C1: “Sempre fui muito ligado à Literatura e, em especial, à Literatura Infantil. Adorava ouvir histórias na minha infância e, desde então, eu já percebia a sua magia e importância. Na década de 1990, um grupo de amigos, também servidores da SME, fizeram um curso com um grupo da UFG (Grupo Gwaya) e implantaram na rede municipal de ensino arte em questão, inclusive promovendo os primeiros Festivais de

Contadores de Histórias de Goiânia. Acompanhá-los, me fez repensar uma série de questões e portas me foram abertas. Percebi que poderia chegar mais rápido ao coração das crianças. Aliando a Contação de Histórias com minha outra paixão, a música, tudo se potencializaria. Assim, começou a minha relação com a Contação de Histórias. Ao longo da minha carreira, fui convivendo com outros profissionais, acompanhando os seus trabalhos e desenvolvendo parcerias. Na escola, o papel da Contação de Histórias é de fundamental importância, pois é um instrumento importante no estímulo à leitura e no desenvolvimento da linguagem. Criança que entra em contato com os livros e torna-se uma leitora tende a ter muito mais facilidades na sua vida escolar e acadêmica”.

C2: “Comecei a fazer teatro ainda na adolescência, no Grupo Teatral Desencanto da cidade de Trindade - Go. Sempre me encantei por poesias e diversos textos, e normalmente os memorizava para representá-los quando houvesse alguma oportunidade. E, no teatro, trabalhar com muitos atores e atrizes sempre é um desafio, então surgiam possibilidades de apresentar sozinha, eu escolhia as histórias e os textos que eu mais amava. Quando era para um público infantil o repertório era a "História do Sapo Julinho" de Flávia Muniz, que me acompanha até hoje. E ao optar pelo curso de magistério no Ensino Médio surgiram oportunidades para fazer cursos para Contação de Histórias e assim fui me aperfeiçoando nesta prática.”

Ao contar histórias não existem regras, de modo que, para contar histórias pode-se usar uma música, uma vestimenta, uma maquiagem e até mesmo objetos inanimados. Inserir essa prática no cotidiano escolar estimula o gosto literário, desperta curiosidade e apresenta aos alunos um mundo novo e cheio de possibilidades.

Segundo Abramovich (2004, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião.... [...]. (ABRAMOVICH, 2004, p. 143).

Por fim, a segunda pergunta realizada ao contador de histórias questiona quais são as práticas/técnicas que ele indica para quem pretende contar histórias de uma maneira proveitosa, o mesmo respondeu:

C1: “Escolha de bons livros, estes devem ser ofertados para as crianças para sensibilizá-las;
É fundamental conhecer bem a história a ser contada;
Sempre que puder conte histórias para seus alunos;
Fazer com que os leitores e futuros leitores ouçam muitas e boas histórias;
Olhar para os ouvintes;
Abusar da expressão corporal;
Utilizar técnicas de vocalização, com diversas entonações de voz;
Trabalhar os diversos planos;
Utilize objetos e adereços para prender a atenção dos ouvintes.”

C2: “É sempre importante buscarmos cursos com professores da área, para compreender e conhecer a prática de Contar Histórias.
Existe uma sequencia que nos permite esta prática:

- Escolher o livro (Importante ser uma história que nos apaixonamos) Costumo dizer que a partir da escolha, iniciamos um namoro com o livro. (No meu caso carrego por onde eu for rs.
 - Realizar diversas leitura da história. (Em horas vagas e mesmo em horários programados para o estudo)
 - Organizar tempo para memorização - Ler várias vezes , repetir trechos ...
 - Pensar que a história tem narrador, personagens
 - Exercitar o timbre de voz, alternar, projetar
 - Pensar os gestos, os movimentos e deixar que a própria história possa reverberar nestes e assim repeti-los naturalizando-os
 - Exercitar e quando sentir -se seguro, propor a uma plateia.
- Importante lembrar que um plateia infantil, considero -a a mais sincera e exigente.”

Dessa forma Kaercher (2001, p. 82-83) ressalta:

(...) somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciar a elas, desde muito cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias (...) isso equivale a dizer que tornar um livro parte integrante do dia a dia de nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de formação de leitores. (KAERCHER, 2001, p. 82)

Então, perante ao que foi exposto, por mais que o ato de contar histórias pareça ser simples, não é. Pois para que faça sentido, para que tenha significado, estimule e contribua com o desenvolvimento dos alunos é preciso buscar conhecer, aperfeiçoar técnicas, fazer com vontade visando não ser uma história passageira, mas uma história marcante da qual os alunos se lembrem e consigam reproduzir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo foi resultado de pesquisas bibliográficas e análises, visando compreender a contação de histórias como uma prática docente para a formação de novos leitores. A realização dele foi de grande importância para a aprendizagem das acadêmicas em formação, uma vez que foi possível observar como o ato de contar histórias contribui para o desenvolvimento humano em seus aspectos sociais, cognitivos e culturais.

Em síntese, o objetivo geral desse artigo foi atingido, pois pôde-se pesquisar e analisar como a contação de histórias contribui significativamente para o processo de ensino-aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De modo igual que os objetivos específicos também foram alcançados, haja vista que, através das pesquisas e análises compreendeu-se a contação de histórias como estratégia pedagógica que contribui para a aprendizagem tanto de pessoas letradas quanto para as que ainda não são letradas.

O artigo em questão colaborou significativamente para a formação das acadêmicas em Pedagogia, levando em conta que o ato de contar histórias é muito mais que entreter os alunos. Através das histórias pode-se potencializar a relação do educando com a leitura e a escrita, viabiliza o desenvolvimento da oralidade, permite uma discussão acerca de diversas temáticas em sala, além de oportuniza a alfabetização.

A contação de histórias além de ser um recurso que viabiliza o desenvolvimento humano, também contribui para criar uma relação com a leitura e o livro, uma vez que, desperta o interesse do sujeito. Através dos livros é possível conhecer diversas histórias e consequentemente conhecer distintas culturas.

Ler livros vai além da decodificação de palavras pois é preciso estar aberto a novas experiências. Assim como a contação de histórias, a leitura de um livro conta uma história para a pessoa que está lendo. Estar aberto a esse universo que são as histórias se torna possível fazer a aquisição de conhecimentos distintos.

Vale destacar que a pesquisa de campo realizada pelas acadêmicas em uma escola da região de Goiânia colaborou para que as teorias acerca da contação de histórias fossem provadas em uma realidade.

As entrevistas realizadas com profissionais da educação auxiliaram a compreender como ocorre a contação de histórias em uma determinada instituição e como os educadores veem as histórias no processo de ensino-aprendizagem.

O relato dos contadores de histórias da Secretária de Educação de Goiânia também foi de grande importância para a efetivação desse artigo, pois através da experiência de profissionais capacitados foi possível perceber a diferenças entre ler e contar. As histórias contadas pelos contadores são intensificadas a um nível real e envolvente, atrai a atenção e promove a participação de quem ouve.

Assim, diante do que foi exposto, fica clara a relevância que o ato de contar histórias tem sobre o desenvolvimento pessoal do educando, pois além de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem também contribui para criar uma relação entre o aluno e o livro. Viabilizando assim a formação de um sujeito que goste do hábito da leitura, formando alunos com potenciais críticos, pensantes e com uma bagagem de conhecimento imensa.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo; Scipione, 1995.

_____. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5º ed. São Paulo: Scipione, 2009.

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Educarem et educare-revista de educação. São Paulo, v. 06, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUSATTO, Cléo - **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Petrópolis, RJ: 2006.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção Primeiros Passos.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6 ed. São Paulo: Global Universitária, 1989.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

FONSECA, Andrade Coelho da; VANALLI, Marilani Soares. **Formação leitora na educação infantil**. Colloquium Humanarum, v. 9, n. Especial, jul-dez, 2012. Disponível em: <<http://www.unoeste.br/site/enepe/2012/suplementos/area/Humanarum/Linguistica,%20Letras%20e%20Artes/Letras/FORMA%20O%20LEITORA%20NA%20EDUCA%C3%83O%20INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KAERCHER, G. E. E. por falar em literatura. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. **Educação infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna**. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). Educação e Ludicidade – Ensaio 02, GEPEL/FACED/ UFBA, 2002, p. 22-60. Disponível em:

<http://www.intaead.com.br/webinterativo/didatica/arq/19.cipriano.htm>. Acesso em: 20 de mai 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M.. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

RODRIGUES, S. L. et al. **Literatura Infantil: origens e tendência**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL, 15, 2013, Cruz Alta. Anais... Cruz Alta: Unicruz, 2013. v. 1, p. 1-9. Disponível em: <<https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2013/LINGUAGEM%20E%20DESENVOLVIMENTO%20SOCIOCULTURAL/ARTIGOS/LITERATURA%20INFANTIL%20ORIGENS%20E%20TENDENCIAS.PDF>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. Ed. Curitiba: Positivo, 2005.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental**. In: Educere et Educere, Revista de Educação; Cascavel- Paraná, v.6, n. 12, p. 1-15, 2011.

TAHAN, Malba Machado. **A arte de ler e contar histórias**. 2 ed. RIO DE JANEIRO. CONQUISTA, 1961.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Ática, 1991.

ANEXOS

Anexo A: Termo de autorização para publicação



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu Myllema Albuquerque de Souza Aguiar RA 42009
 Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO (X)

NÃO AUTORIZAÇÃO ()

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: A contação de histórias: uma prática docente para a formação de novos leitores.
 De autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Carolina Machado Moreira

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Curso: Pedagogia. Modalidade a fim Presencial

Myllema Albuquerque S. Aguiar
 Assinatura do representante do grupo

 Assinatura do Orientador (a):

Obs: O aval do orientador poderá ser representado pelo envio desta declaração pelo email institucional do mesmo.

Goiânia, 06 de Julho de 2023